

MEMÓRIA E IDENTIDADE NEGRA DE PELOTAS: O RACISMO NO FUTEBOL NO PÓS-ABOLIÇÃO A PARTIR DE RELATOS ORAIS

SILVA, GABRIEL RIBEIRO DA¹; SILVA, JULIA VANESSA ANDRADE DA²; RUBERT, ROSANE APARECIDA³

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gabrielisribeiro@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – julia.silva@ibiruba.ifrs.edu.br*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – rosru@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem a pretensão de mostrar os trabalhos realizados que envolvem memória e identidade no projeto de extensão "Assessoria ao Clube Social Negro Fica Ahí Pra Ir Dizendo no seu processo de transformação em Centro de Cultura Afro-brasileira". O projeto tem, dentre outros objetivos, a intenção de constituir um acervo de memória oral sobre a presença negra em Pelotas e região nas dependências do clube. Este trabalho explora as potencialidades de parte deste acervo, que está em processo de formação, para a compreensão das relações étnico-raciais na cidade nos mais diversos âmbitos da vida social.

O foco aqui pretendido é reconstituir uma memória e identidade negra da cidade de Pelotas, fazendo um recorte temporal no pós-abolição, onde a cultura afrodescendente era menosprezada e silenciada. A discriminacão e seqreqacão de negros em clubes de futebol pelotenses é o fenômeno em destaque, assim como a resistênciá e as estratégias dos afrodescendentes para se inserirem nestes espacos.

O autor RIGO (2004) afirma que o primeiro clube futebolista negro foi formado em Pelotas em 1919, com o objetivo de contrapor os outros já existentes, que agreqavam apenas rapazes brancos e de classe elitzada. Para haver uma ascensão e um fim da dicotomia racial, negros e pobres começaram a disputar, a partir da tal data, com clubes futebolistas brancos e elitzados, desse modo, consequindo seus espacos em aqremiacões de renome. A presencia afro no grande cenário futebolista pelotense se fortaleceu em meados dos anos 1930, mas é registrada seqreqacão e discriminacão racial em pequenos espaços sociais, dando margem a criação de clubes futebolistas próprios para negros em bairros da cidade:

Em depoimento concedido ao jornal Diário da Manhã, Seu Jorge, um dos doze fundadores do clube, salientou que o mesmo fora fundado em 1944, como uma 'alternativa dos negros do bairro, que eram barrados no clube, em atividade na época.' (RIGO, 2004, p. 155)

As mais diversas discriminacões e detalhadas informaçes sobre a presencia negra é reconstruída através do ato de relembrar, que é descrita por CANDAU (2011) como memória propriamente dita ou de alto nível, que é feita igualmente de esquecimento e extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.

2. METODOLOGIA

Segundo SANTOS; RUBERT (2014), "utilizar-se das reminiscências é um recurso indispensável para a composição do núcleo de memória do Clube Cultural

“Fica Ahi pra ir Dizendo”, desenvolvendo então o projeto de acervo de documentação oral do clube, uma vez que:

acrescentados à documentação existente, por meio destes relatos orais, o Clube, assim como outras organizações, manifestações e personagens afrodescendentes da cidade e região ganham forma, musicalidade, profissões, tonalidades e intensidades diversas. (SANTOS; RUBERT, 2014, p. 106)

O projeto focou, em um momento anterior, a realização de entrevistas orais com membros e ex-membros do clube Fica Ahi. Neste momento os autores deste trabalho se dedicam à transcrição das entrevistas ligadas especificamente a memória do negro no futebol pelotense. Duas entrevistas realizadas com ex-jogadores de futebol negros de clubes pelotenses e sócios do Fica Ahi já foram transcritas, dos senhores Oswaldo Marcelino Alves Rodrigues e Antônio Viseu Candiota. As entrevistas então, serão armazenadas junto às demais existentes, onde serão catalogadas e separadas por sua temática, sendo futuramente disponibilizadas à comunidade negra no acervo de documentação oral do clube.

Deste modo a reconstituição da memória apontando a veracidade dos documentos escritos, ou a escrita concordando com a memória vem a mostrar que

[...] a história oral é legítima como fonte porque não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas [...] na história oral a versão representa a ideologia em movimento e tem a particularidade, não necessariamente, de 'reconstruir' e totalizar, reinterpretar o fato (ALBERTI, 2005, p. 13-14).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas entrevistas transcritas com dois ex-jogadores de futebol negros, que viveram na pós-abolição, e nas informações escritas por RIGO (2011) sobre a situação dos negros nos clubes futebolistas pelotenses, observa-se que a situação dos afrodescendentes era diferente em cada agremiação:

A postura bastante divergente assumida pelas duas principais equipes da cidade perante a aceitação ou não de jogadores negros fez com que se acirrasse ainda mais a rivalidade que já vigorava entre G. E. Brasil e E. C. Pelotas, que passou a expressar-se no seguinte slogan: 'Negrinhos da estação versus fidalgos da avenida'. (RIGO, 2004, p. 154)

O ex-jogador do G. E. Brasil e entrevistado confirma essas informações que o E. C. Pelotas não aceitava jogadores negros:

Inclusive o Pelotas foi isso ai, teve muitos anos, raça não jogava no Pelotas [...] O Pelotas não, por melhor que eu fosse na época, o Pelotas não contratava. Negrão não... (Sr. Antônio Viseu Candiota, entrevista realizada em 4 de outubro de 2014).

Entretanto apesar de a situação ser diferente em cada agremiação, a situação geral dos negros no futebol brasileiro apresenta semelhanças, principalmente em

relação ao racismo. Uma vez que o futebol brasileiro teve sua base fixada na elite, a popularização deste esporte levou tempo e até mesmo depois de sua notoriedade, as características da elite se mantiveram. Era caracterizado, portanto, a não contratação de negros; como ocorreu no time Grêmio Porto Alegrense, que manteve uma política de não incorporar negros ao seu time até a década de 1940 (LOPES 2004).

Entretanto o futebol também foi significativo para a ascendência dos negros socialmente. O relato da esposa do SR. Oswaldo, Marlei, pode corroborar esta avaliação, de que o futebol poderia ser considerado um meio de ascensão:

O Fica Ahí era a elite né, no Fica Ahí era professor, era advogado, todo mundo tinha q ser sócio...mulher divorciada não entrava. Sabe aquela coisa que tinha de antigamente. E como ele era jogador de futebol, e tinha nome, em seguida convidaram ele.

(Marlei Rodrigues em entrevista do senhor Oswaldo Rodrigues, realizada em 2014)

4. CONCLUSÕES

Ao transcrever as entrevistas realizadas com os ex-jogadores e ex-membros do clube cultural negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo, constatamos através da história oral e direito a memória que o momento da pós-abolição não foi de uma inserção absoluta do sujeito negro na sociedade em geral, mas inseriu uma pequena parte desse grupo de forma individualizada e simbólica. Os protagonistas negros, apesar de ascenderem socialmente ao abdicarem do cargo de jogadores de futebol, não ficaram imunes ao racismo, mas sentiram-o amenizado. Nos relatos orais são registradas informações de segregação racial em espaços públicos na cidade de Pelotas no momento do pós-abolição. Discriminação esta que poderia ser amenizada com um ascendimento social. Um dos ex-jogadores relata o fato:

[...] eu me lembro de quando eu iniciei, o Aquário, sabe o Aquário, né? O Aquário, o cafezinho, entrar negro ali... [...] Deus o livre, só depois nós, com certa cultura, certo nome que podia entrar ali. Não entrava. Chegava ali pra comprar a entrada ali... Deus o livre, "não te enxerga, que que tu quer aqui?" (Sr. Antônio Viseu Candiota, entrevista realizada em 4 de outubro de 2014).

A importância dos esforços metodológicos e teóricos aqui apresentados visam mostrar relatos que foram silenciados ao decorrer da História e que podem colaborar para a formação de uma identidade negra pelotense, bem como arraigar a permanência de uma memória de resistência e luta contra o racismo. A história da população negra de Pelotas e região deve ser preservada e protagonizada pelos seus próprios sujeitos, sendo esse um dos objetivos da constituição de um acervo de memória oral no clube cultural negro Fica Ahi Pra Ir Dizendo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

LOPES, J. S. L. Classe etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: **Cultura de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**; org: Claudio H. M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva, Alexandre Fortes . Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

SANTOS, M. C. A.; RUBERT, R. A. Constituição de um acervo de relatos orais para a formação de um centro de cultura do clube cultural "Fica Ahí Para Ir Dizendo". In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**; org. Francisca Ferreira Michelon, João Fernando Igansi Nunes, Denise Marcos Bussoletti. **Anais...** Pelotas: Ed. da UFPel, 2015. p. 105-107.